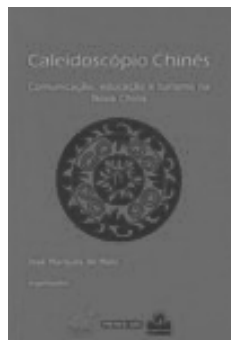


A INTERCOM no itinerário da China

Francisco de Assis*



MARQUES DE MELO, José (Org.). **Caleidoscópio chinês: comunicação, educação e turismo na Nova China**. São Paulo: Intercom; Sorocaba: Eduniso / Provocare, 2008. 265 p.

Aeroporto Internacional de Guarulhos (São Paulo, SP), 6 de julho de 2007. Em meio ao alvoroço de embarques e desembarques, uma delegação de 36 representantes da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) dá início a uma viagem instigante, que irá refazer o caminho trilhado, quase 50 anos antes, por Luiz Beltrão de Andrade Lima, jornalista e pioneiro da pesquisa em comunicação no Brasil. Dali, eles partem para a misteriosa China, território de fortes contrastes – alguns, bastante evidentes; outros, camuflados em meio ao cotidiano do país mais populoso do mundo –, na busca por conexões entre as realidades do Ocidente e do Oriente. Depois de 20 dias, a volta para casa. Na bagagem, bem mais do que objetos de recordação: há, também, e principalmente, impressões de um lugar ainda desconhecido pelo restante do mundo e que necessita ser desvendado. E como viagem que é viagem precisa ter diário de bordo, o teor dessas percepções está documentado num livro dessa espécie. Trata-se de *Caleidoscópio chinês: comunicação, educação e turismo na Nova China*, editado em parceria entre a Intercom e Universidade de Sorocaba (Uniso) e Editora Provocare.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

A “Missão Intercom”, como a viagem foi batizada, ocorreu mediante convite da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE), sendo, então, programada, cuidadosamente, desde o início daquele ano. A finalidade maior era proporcionar aos pesquisadores o acesso às universidades, aos centros de pesquisa, às empresas de Comunicação, aos museus e às instituições culturais de cinco cidades: Pequim (ou Beijing, para quem preferir), Shangai, Schenzen, Macau e Hong Kong. A segunda intenção era permitir que os brasileiros sondassem possíveis cooperações entre Brasil, China e África do Sul, no que diz respeito a eventos e intercâmbios relacionados ao universo da comunicação.

Por coincidência (ou não), em 1958, Luiz Beltrão viajou para o mesmo destino, convidado pela União dos Jornalistas Chineses. Ao retornar ao Brasil, escreveu o livro *Itinerário da China* (publicado pela Imprensa Oficial de Pernambuco, em 1959), antologia de reportagens que revela sua estada no país que “não tem pressa”, como ele próprio identificou. Publicado meio século depois, *Caleidoscópio Chinês* atualiza os relatos jornalísticos de outrora, mostrando a potência industrial em que os ex-domínios do ditador Mao Tsé-Tung se transformaram. Fielis ao mesmo instinto de repórter que guiou Beltrão em seu trabalho, 12 participantes dessa “aventura” registraram suas memórias, em tom informal, sem deixar de lado forte carga de reflexão, em todas as passagens narradas.

A organização da obra foi responsabilidade do professor José Marques de Melo, da Universidade Metodista de São Paulo, à época, Presidente da Intercom. Seu entusiasmo pelos resultados da turnê é evidenciado tanto no primeiro capítulo, assinado por ele, quanto no prefácio, no qual identifica a publicação como um “poliedro simbólico, capaz de suscitar o interesse de futuros viajantes e de motivar potenciais pesquisadores sino-brasileiros”. Não restam dúvidas, ao longo da leitura atenta das 265 páginas que compõem o volume, de que esse sentimento é comum a todos os tripulantes que quiseram expressar suas idéias a respeito do país que já passou por invasões, guerras e revoluções (políticas e culturais), tendo sido dividida e reorganizada diversas vezes.

Basicamente, são dez textos, oito dos quais escritos, individualmente. Outros dois, produzidos a quatro mãos. Além disso, apre-

senta um apêndice com glossário de siglas (que auxilia a compreensão do conteúdo) e breve dicionário biobibliográfico dos autores, que identifica a característica plural do grupo.

Se a diversidade constituiu marca dessa caravana, nada mais natural que cada autor apresentasse seu ponto de vista acerca do percurso pela rota chinesa. Marques de Melo, por exemplo, relata, minuciosamente, os momentos da excursão, identificando, com precisão, nomes, datas, horários e situações diversas, que vão desde as mais sérias, passando pelas cômicas até as de caráter um pouco trágico.

Paulo César Boni, coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e fotógrafo “por paixão” – segundo consta em seu resumo biográfico –, e Sérgio Pio Bernardes, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), não só retratam a China por meio de textos, como também oferecem visão privilegiada daquele cenário, com 41 fotografias que revelam paisagens e situações extremamente interessantes, inclusive – como não poderia faltar – da Grande Muralha, a qual, certamente, já mexeu com o imaginário de muita gente. As imagens, de fato, falam por si. Prédios suntuosos, arranha-céus, artesanato luxuoso, trânsito conturbado... Monumentos e patrimônios, como a Praça da Paz Celestial e a Entrada da Cidade Proibida... Muitas pessoas, em todos os cantos... A figura ainda “presente” de Mao Tsé-Tung, vista em estátuas e quadros espalhados em vários lugares... Uma igreja católica, um templo budista, um hotel cassino... Movimento... A lista é extensa.

O caráter de aprendizado que norteou o passeio é o ponto que chama a atenção de Zélia Leal Adghirni, da Universidade de Brasília (UnB). Seduzida pelos paradoxos que formam o cotidiano chinês, Zélia questiona se chegou o tempo para que se cumpra a profecia de Napoleão I, que assegurou: “Quando a China despertar, o mundo tremerá”. Por sua vez, Susana Gastal, da Universidade Caxias do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), deixa transparecer sua compreensão a respeito do potencial turístico do território que identifica como “China pós-moderna”. Já Adilson Citelli, da Universidade de São Paulo (USP), preocupa-se em discutir questões relacionadas à

educação, principalmente no tocante ao ensino universitário, traçando paralelo entre o avanço econômico do país e o fortalecimento de seu potencial comercial.

Os demais autores – Scarleth O’Hara Arana, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Antonio Teixeira de Barros, do Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB), Ada Cristina Machado da Silveira, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo, da USP, Márcia Perencin Tondato, da Universidade Metodista, e Sandra Pereira Tosta, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) – também oferecem olhares particulares sobre o cenário aqui descrito. Sem dúvida alguma, cada texto indica um fragmento diferente desse caleidoscópio.

No que concerne às questões comunicacionais, há que se notar a descrição dos avanços tecnológicos, visivelmente identificados nos suportes midiáticos “de ponta” e da valorização da formação específica da área. Apesar de ser o país estigmatizado pelo bloqueio do acesso livre à internet, o ensino e a pesquisa em comunicação recebem especial atenção. Lá, os brasileiros se depararam com infraestrutura e recursos humanos de, literalmente, “causar inveja”. Apenas como ilustração: ao visitarem a Universidade de Comunicação da China, puderam conferir o resultado dos investimentos, bem como conhecer as iniciativas de intercâmbio cultural estabelecido pela instituição com 200 universidades estrangeiras.

É importante, por fim, ressaltar que *Caleidoscópio chinês: comunicação, educação e turismo na Nova China* não é um livro acadêmico, embora possa ser utilizado como referência para pesquisas em torno do assunto, graças à riqueza e precisão de informações. De qualquer modo, sua melhor função é a de guia. Guia, sim, pois depois de lê-lo, a sensação que se tem é a de que a China nem é tão longe (pelo menos, no sentido amplo da palavra), nem é tão difícil descobri-la pelos lados de cá do globo. O livro, portanto, ao transitar pelo passado e presente daquele pedaço do leste asiático, constitui convite para ir além das idéias cristalizadas que se formaram em torno daquelas terras milenares.